

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 28, p. 1-12, jan.-dez. 2021 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p> https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2021.1.39211</p>	

SEÇÃO: PENSAMENTO MUDIÁTICO COMUNICACIONAL

O sentido da teoria na pesquisa em comunicação: três questionamentos a partir da prática acadêmica

Three meanings of theory in communication research: questions from the classroom

El sentido de la teoría en la investigación en comunicación: tres cuestiones desde la práctica

Luís Mauro Sá Martino¹

orcid.org/0000-0002-5099-1741

lmsmartino@gmail.com

Recebido em: 23 set. 2020.

Aprovado em: 28 jun. 2021.

Publicado em: 27 ago. 2021.

Resumo: Qual o sentido de "teoria" nos estudos de Comunicação? O que significa escrever um "capítulo teórico" ou "aplicar uma teoria" em uma pesquisa? Essas questões, nascidas das práticas de ensino e orientação, apontam para a existência de três problemas epistemológicos referentes à compreensão do que é "teoria" e sua ação na atividade de pesquisa. A partir de análise bibliográfica, situações de ensino e orientação e estudos empíricos anteriores, este artigo delinea essas três visões que entendem a teoria (1) em oposição à prática, (2) como conjunto de proposições relativas a questões contextuais mais amplas e (3) como o conhecimento prévio de um campo. Indica-se, em cada caso, perspectivas para a operacionalização metodológica da teoria durante todo o processo de pesquisa.

Palavras-chave: Teoria da Comunicação. Epistemologia da Comunicação. Metodologia. Pesquisa.

Abstract: What is the meaning of 'theory' in communication research? What does it mean to 'do theory' or to 'apply a theory' in a research? These questions, often addressed in research supervision, points to a deeper epistemological question: the very notion of 'theory' in science. This paper outlines three concepts of 'theory': (1) the common sense view of 'theory' as opposed to practice, (2) 'theory' as a set of propositions concerning broader social or philosophical issues and (3) 'theory' as the previous knowledge of a field or a discipline. These notions are discussed against the background of theory's methodological operationalization in research.

Keywords: Communication Theory. Communication Epistemology. Methodology. Research.

Resumen: ¿Cuál es el sentido de la "teoría" en la investigación en comunicación? ¿Qué significa escribir un "capítulo teórico" o "aplicar" una teoría? Estas preguntas, nacidas de la docencia y la orientación, apuntan a una cuestión epistemológica, la noción de "teoría" en los estudios de Comunicación. A partir de investigaciones bibliográficas y estudios empíricos previos, este artículo describe tres conceptos de "teoría" y sus lugares en la investigación: (1) la visión común de la "teoría" en contraposición a la práctica, (2) "teoría" como proposiciones relacionadas con cuestiones sociales o filosóficas más amplias y (3) "teoría" como conocimiento previo de un campo. Estas nociones se discuten en el contexto de la operacionalización metodológica de las teorías en la investigación.

Palabras-clave: Teoría de la Comunicación. Epistemología. Metodología. Investigación.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP, Brasil.

Introdução

Este texto nasceu de uma experiência prática, vivenciada, tanto nas orientações de pesquisa quanto no ensino de Metodologia de Pesquisa, em cursos de graduação e em pós-graduação em Comunicação: as questões referentes à "parte teórica" dos trabalhos. É possível notar uma preocupação recorrente de pesquisadoras e pesquisadores em relação ao que significa exatamente essa parte das pesquisas, seja a respeito das opções ("quais livros eu preciso ler?") ou de seu lugar na pesquisa ("como vou usar essa teoria?" ou "preciso só de um autor ou podem ser vários?").

Um problema inicial é a existência de várias expressões relativamente próximas, como "parte teórica", "teoria", "referencial" e "estado da arte": embora cuidadosamente conceituadas em alguns livros de metodologia, são, às vezes, usadas como sinônimo na prática de pesquisa. De fato, há certa ligação aparente entre os procedimentos: trata-se de um momento de "leitura" oposto à "prática" (investigação empírica, coleta de dados, classificação e assim por diante).

A discussão nasce, também, dos diálogos em bancas de trabalhos de conclusão de curso, mestrados e doutorados na forma de dúvidas e estranhamentos compartilhados (expressos, às vezes, em frases como "não sei ou que devo ler" ou "estou completamente perdido"). Aos poucos, essas dúvidas parecem se agrupar em torno de questões gerais, relacionadas tanto a uma definição do que é teoria quanto ao trabalho com os referenciais teóricos no momento de escrita de um artigo, dissertação ou tese.

A recorrência desse tipo de indagação sugere que essas dúvidas vão além do que poderia ser entendido como dificuldades individuais ou problemas de formação. Ao contrário, aponta para um problema epistemológico mais profundo, colocado como ponto de partida deste texto: o que entendemos por "teoria" em uma pesquisa? Quais são os significados costumeiramente atribuídos a essa expressão?

Trata-se de três "obstáculos epistemológicos" — na visão de Gaston Bachelard (2008), as cren-

ças ou ideias com as quais é preciso romper nas atividades de pesquisa são: a primeira, em uma posição próxima do senso comum, é tomar a teoria como algo distante da realidade e, portanto, com pouca coisa a dizer sobre ela; segundo, ver a teoria como um conjunto de proposições gerais, que o objeto de estudos deve "ilustrar"; finalmente, entender a teoria como um conjunto de conhecimentos prontos, corretos e acabados, fora da História —, tanto de seu campo quanto da realidade social na qual ela se desenvolve.

No que se segue, a discussão delinea esses três pontos, tratando das concepções de teoria como: (1) oposto da "prática", na visão do senso comum; (2) um discurso a respeito de questões sociais ou filosóficas mais amplas; (3) conhecimento prévio produzido dentro de um campo ou disciplina. Este texto é escrito a partir de um olhar comprometido com a prática pedagógica e de orientação, retomando e ampliando discussões anteriores (MARTINO, 2016; 2018; CHECHETTO & MARTINO, 2019).

Vale, antes de prosseguir, notar que esse debate não é exclusivo da Comunicação. A título de exemplo, Barros (2019) aponta problemas semelhantes na História, enquanto Eagleton (1989), Olsen (2007) e Fabiani (2013) mostram as mesmas dificuldades no campo da literatura, ao passo que Liedke (2007) e Oliveira (2015) mostram desafios semelhantes na Sociologia, e Gatti (1999) na educação. Os problemas da teoria, ao que parece, percorrem boa parte do campo das ciências humanas.

Na área de Comunicação, essa preocupação existe há algum tempo. Lima (1983) já expressava dúvidas quanto ao lugar da teoria na formação de profissionais de comunicação, enquanto Reimão (1994) discutia o aspecto da teoria nos estudos da Área, resgatando sua raiz grega. Lopes (1999, p. 107-109; 2004) mostra a teoria como parte integrante do processo de pesquisa, orientando o olhar em relação aos objetos de estudo e às rupturas com o senso comum. Martino (2007; 2010; 2017, p. 279 e ss.) discute o que é "teoria" a partir da Filosofia da Ciência, destacando seu potencial explicativo, embora também indique que essa questão ainda ocupa pouco espaço no pensamento da área. De

fato, como indicação, apenas quatro dos 36 livros intitulados "Teoria da Comunicação", publicados no Brasil entre 1969 e 2016, discutem, de modo mais amplo, o que é "teoria".

Mais próximos deste texto, perguntando também pelo lugar da teoria, Hickson e Stacks (1993), Fausto Neto (2009) e Russi-Duarte (2010) também partem de questões pedagógicas e da prática de pesquisa para mostrar as ambivalências da teoria nos estudos de comunicação. Braga (2019) traz importantes contribuições para pensar as questões na origem deste texto, ao passo que Wottrich e Fonseca (2019, p. 13), estudando a produção bibliográfica da área, destacam essa parte do trabalho como "articulação entre essa instância [os objetivos] e o problema de pesquisa".

Neste texto, os delineamentos da questão se seguem a partir de uma pesquisa bibliográfica referente às visões de "teoria", pautadas nos obstáculos epistemológicos apresentados.

A teoria como oposição à prática

As aventuras da palavra "teoria", no senso comum, não parecem ser das mais promissoras. Em geral, é oposta à "prática" e quase sempre de maneira negativa —apenas uma preparação, na melhor das hipóteses, para a prática, na qual a ação acontece. Dispensável, a teoria estaria restrita às indicações gerais e abstratas, interessantes, mas de pouca utilidade na resolução de problemas práticos.

Seria, no máximo, um conhecimento especulativo: diante de uma situação na qual faltam dados, "teoria" é, às vezes, sinônimo de hipóteses e suposições, ou, no dizer comum, opinião a respeito de algo pouco conhecido ("tenho uma teoria..."). É possível observar isso, de maneira oposta, em frases como "aqui se aprende na prática", ou em expressões como "na prática, a teoria é outra". Embora cotidianas, essas expressões são indícios do lugar que a ideia de "teoria" ocupa no senso comum: poucas coisas podem demolir mais uma afirmação do que a indicação "isso é apenas teoria" ou "é bom na teoria, mas não na prática".

Isso se manifesta, mesmo, nos cursos universitários. Baptista (2003), por exemplo, indica uma

certa postura negativa de estudantes diante da disciplina "Teoria da Comunicação" (a expressão usada, "entulho de currículo" é significativa do estado de coisas, apontado criticamente pela autora) e suas estratégias de superação, a partir de proposições didáticas para trabalhar essa suposta dicotomia.

"Suposta" na medida em que "teoria" e "prática" não se opõem como o senso comum busca fazer crer, na ideia de que uma "sabe", enquanto a outra "faz" — há, de fato, uma diferença, mas na maneira de compreender e agir diante da realidade. Teoria e prática são ações em relação ao mundo, unificadas em uma *práxis* — algo visível em um estudo da origem da palavra. Para isso, os próximos parágrafos, salvo indicação contrária, baseiam-se em Gobry (2010), Peters (1983) e Magnavacca (2005).

Ao que tudo indica, etimologicamente, a palavra "teoria" vem do grego "theoria"; a raiz "the" significava o ato de ver para conhecer algo, um olhar voltado para o entendimento e encadeamento de coisas dentro de uma ordem — próximo de uma fila ou corrente —, na expressão de Lucrecia Ferrara (1987), uma "ciência do olhar atento" para saber para além das dicotomias.

Assim, "teoria" está ligada ao ato de ver, não ao olhar casual que se lança despreocupadamente sobre a realidade, mas a visão curiosa de quem procura extrair algo a mais do que está se vendo. Não por acaso, *theoria* está próxima de outra palavra grega: *théatron*, que deu origem a "teatro". No latim, a ideia de "especulação" também indica essa perspectiva do olhar: a raiz *spec* está também na palavra "espectador" (ou, no inglês, "specs" para "óculos").

"Teoria", nessa concepção, é uma atividade da mente humana próxima da abstração, resultado da contemplação e da disciplina, para observar a realidade. É mais do que saber algo ou conseguir criar conexões entre as coisas, é um modo de vida, o *bios theoretikós*, que os medievais traduziriam como *vita contemplativa* em oposição à *vita activa*.

Atualmente, "contemplação" pode remeter à imobilidade, ao olhar passivo em relação ao mundo, mas a concepção original era outra: uma

ação para entender os objetos ao seu redor, de maneira a criar conexões entre eles — um encaideamento, o que remete ao sentido inicial da palavra. Magnavacca (2005), em particular, recorda que a teoria, enquanto observação atenta, está diretamente ligada à ação, à *praxis* — a atividade teórica se liga diretamente à prática na medida em que são dimensões contínuas, embora diferentes, da experiência humana.

"Aliás", como afirma Marx (2008 [1867], p. 1080), "toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas". Isso implica que, em seu sentido original, o conhecimento teórico exige uma disposição da mente, no sentido de se lançar sobre o mundo para entendê-lo melhor. O saber teórico, assim, não seria apenas resultado de um aprendizado, mas de uma postura diante da realidade.

A ideia de "conhecimento" tem uma nuance qualitativa importante: não parece importar tanto o que se conhece, mas a profundidade e a seriedade do ato de conhecer. Essa visão da teoria como modo de vida separa o conhecimento científico, a *episteme*, do saber comum, a *doxa* ou opinião. Esse limite marca, também, a ruptura com o senso comum; o primeiro "obstáculo epistemológico", como denomina Bachelard (2007), é sair do senso comum para olhar para a realidade com outros olhos. Seria, a título de ilustração, a diferença entre uma noção comum de outra mais questionadora, buscando ir além da evidência, por mais forte que ela seja.

A contemplação requer uma atividade do pensamento sobre si mesmo, na forma de um questionamento e crítica constante. Uma vida teórica é pautada pela curiosidade a respeito do mundo e de si mesmo, na qual a interrogação sobre o objeto não deixa de lado o saber sobre o próprio sujeito: "nós, professores de Teorias, temos claras as razões sobre como a teoria transformou-se em uma espécie de sustento existencial, modo de vida, modo de 'ganhar' a vida, em amplo sentido", lembra Baptista (2003, p.2), falando sobre Teorias da Comunicação.

Esse movimento reflexivo exige rigor do próprio pensamento, que se volta sobre si mesmo, se questiona em relação ao saber, em vez de se

deixar levar na torrente de impressões e sensações do cotidiano. Como afirma Porta (2017, p. 52), "la teoría nos permite desentrañar lagunas problemáticas sociales que nos preocupan". Para Braga (2007, p. 23), no mesmo sentido, "o processo de produção teórica é, sobretudo, um esforço de desentranhar da complexidade do mundo real elementos essenciais que nos ajudem a compreender e a descrever essa realidade".

A contemplação exige tempo para lançar esse olhar ativo sobre o mundo. Por isso, é possível entender a teoria como uma atividade desenvolvida na relação com o objeto, no confronto com a realidade, não como modelo interpretativo fechado.

Mas, o tempo para o desenvolvimento de um pensamento teórico na pesquisa, lembra Thomas (2006, p. 179), também está ligado aos prazos que se tem para escrever e publicar. Se a teoria exige tempo, parece ser cada vez mais difícil organizar os cronogramas para comportarem, também, esse período de maturação teórica. Talvez não por coincidência, Hanitzsche (2013), em um editorial da revista *Communication Theory*, menciona suas dificuldades para encontrar artigos que trabalhem, de fato, com "teoria" e "comunicação".

Originalmente, "prática" não tinha o sentido de "ação", "saber fazer" ou "técnica", mas significava, sobretudo, a atitude voltada para outras pessoas, com vistas ao bem-viver, próximo do que poderia ser chamado, atualmente, de "ética". Uma terceira atividade do pensamento humano referia-se à ação sobre a matéria e a natureza, transformando o mundo natural a partir do uso de uma "técnica" (*techné*, traduzida no latim por *artis*, origem da palavra "arte" e de seus derivados, como "artificial", em oposição ao mundo "natural" ou *physis*).

No sentido grego, teoria é algo que se vive, não o quanto se sabe a respeito de alguma coisa. O termo aparece na *Ética à Nicômaco*, de Aristóteles, como uma das formas de vida ideal e desejável, voltadas para a contemplação dos "primeiros princípios", em razão dos quais se torna possível compreender melhor a realidade: a ação teórica se liga, de maneira contínua, à "prática", isto é, à ética, no sentido do bem-viver com os outros, e também a "técnica", a "arte", no sentido de uma ação.

Dessa maneira, a teoria era entendida como atividade da mente humana, complementada pela ação em relação aos outros, a ética, e em relação à natureza, a técnica; teoria, arte e técnica, longe de serem opostas, são atividades complementares do ser humano. Assim, não sem algo de irônico em relação à concepção atual, que opõe teoria à prática, todo conhecimento atento é teórico, no sentido de extrair elementos que, pela ação da mente, vão além do imediato, para descortinar aspectos mais largos da realidade.

Ao romper com o senso comum, argumenta Jensen (2016, p. 152), as teorias mostram seu aspecto prático, "gerando enquadramentos e evidências para análises e argumentações subsequentes". Por que, então, a separação contemporânea entre "teoria" e "prática"?

A teoria como discurso amplo sobre a sociedade

Uma resposta inicial pode ser pensada a partir do que Lima (1983; 2001) denomina uma "crise de identidade" nos cursos de Comunicação: a dicotomia entre uma formação "teórica", voltada para a pesquisa, e a "técnica", relacionada às práticas profissionais. Esse problema está relacionado às origens da área de Comunicação como espaço de ensino, tanto de um saber (a Comunicação, em suas várias dimensões) quanto de uma profissão (Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Relações Públicas, Rádio e TV). O saber teórico da comunicação, ao que tudo indica, nunca chegou a se constituir de maneira autônoma, mas a partir de necessidades práticas, assim como de ensino, nos cursos universitários, quanto de pesquisas aplicadas desenvolvidas a partir de referências de outras ciências.

Apesar da importância da dimensão pedagógica e institucional, pensando nos objetivos deste artigo, vale aqui voltar o olhar para o segundo aspecto: o sentido que a palavra "teoria" tem depende da concepção de "ciência" em jogo em cada pesquisa. Uma maneira inicial de perceber isso é a partir de artigos acadêmicos produzidos a partir de concepções diferentes de ciência e epistemologia da Comunicação no "norte" e no "sul" (MARTINO, 2014).

Em linhas gerais, um artigo em revistas acadêmicas de comunicação em uma tradição ibero-americana começa com uma "parte teórica", na qual há uma discussão de conceitos e teorias a partir de livros de autoras e autores consagrados, não apenas na Comunicação, mas, eventualmente, também na Filosofia, Letras e Ciências Sociais. Esses conceitos formam o quadro de referências, a partir do qual o objeto de pesquisa, propriamente dito, será analisado.

Um texto sobre o mesmo tema, em algumas publicações acadêmicas anglo-saxônicas, começaria com uma ampla revisão de literatura, focalizando outros artigos sobre o assunto. Pesquisas anteriores são mencionadas, seja para diferenciá-las da atual ou para apresentar dados e evidências. Na sequência, pode haver uma exposição sobre a metodologia, apresentação de dados (predominantemente quantitativos, de acordo com a publicação) e discussão dos resultados. Não há, propriamente, uma "parte teórica" no sentido anterior.

Essas diferenças não são apenas de formato, mas dizem algo a respeito do lugar da teoria em cada tipo de pesquisa e permitem ver alguns de seus pressupostos epistemológicos — refletidos, por sua vez, no dia a dia da pesquisa. Rosengren (2000, p. 18-19) diferencia as "teorias", no sentido de discurso, de "modelos", com base empírica, na qual é possível tentar reproduzir metodologias anteriores para provar ou refutar uma pesquisa prévia.

Não há, evidentemente, "certo" ou "errado"; são concepções diferentes do que significa a "teoria" em uma pesquisa. Em um caso, "teoria" são as pesquisas empíricas anteriores para situar e explicar um fenômeno atual de curto alcance — seus fundamentos epistemológicos nem sempre são mostrados ou discutidos. De outro, "teoria" é um conjunto de conceitos colocados em discussão, para, em seguida, apresentar o objeto empírico e interpretá-lo, espera-se, a partir dessas colocações. "Em suma", resume Adorno (2018 [1931], p. 442), "a ideia da ciência é pesquisa, a da filosofia, interpretação".

Trata-se, a partir daí, de posicionar a Comunicação dentro de uma perspectiva epistemológica

mais ampla. Como lembra Valdetaro (2015, p. 15), "una Epistemología de la Comunicación se ubica, necesariamente, dentro del ámbito más amplio de una epistemología de la Ciencia".

No primeiro tipo, a "teoria" é um modo de ler a realidade, rede de proposições de longo alcance sobre a sociedade, abrindo espaço para problematizar as práticas sociais — de comunicação, no caso. Culler (2000, p. 3) adverte para o fato de que boa parte da "teoria" trata de assuntos amplos e, às vezes, muito distantes do objeto de estudo em uma pesquisa, gerando, assim, não só uma dicotomia entre "teoria e prática", mas — o que talvez seja complicado em termos epistemológicos — entre teoria e objeto; nem sempre é possível ver quais são as relações entre proposições teóricas discutidas.

A concepção do termo aponta para o uso de analogias e metáforas como alternativas de interpretação da realidade, expressões que, às vezes, ultrapassam o espaço acadêmico e ganham uso relativamente corrente. A teoria, nesse caso, não está na pesquisa para ser "testada", "comprovada" ou "refutada", como na concepção de Popper (2016; 2002), mas como quadro de interpretação, para destacar alguns aspectos da realidade. Seria estranho, a título de exemplo, fazer uma pesquisa procurando "comprovar" ou "refutar" a existência de uma "indústria cultural", ou que "o meio é a mensagem", para mencionar duas das mais potentes proposições teóricas em circulação na área. A "teoria", então, não poderia estar mais distante da "prática" — e o objetivo não é acabar com essa distância, mas de problematizá-la.

Como lembra Butler (2002), secundada parcialmente por Eagleton (2007), esse conceito de "teoria" se consolida junto com o chamado "pós-estruturalismo" ou "pós-modernismo", em particular na França dos anos 1970. A partir desse momento, a "teoria" não é mais pensada, como nas ciências exatas, como um conjunto de propostas para explicar determinados fatos, mas um instrumental de um pensamento crítico sobre a realidade e a desconstrução de significados cristalizados nas práticas sociais. Esse termo ganha autonomia como discurso crítico, deli-

beradamente afastada da "prática", no sentido comum do termo, para falar de questões mais amplas sobre o mundo social.

Nesse momento, a teoria perde o objeto e ganha adjetivos. Se era possível falar em "teoria do cinema", "teoria da propaganda" ou "teoria da opinião pública", a partir de então a perspectiva é em termos de uma "teoria crítica" ou "teoria pós-colonial", por exemplo. Isso não reflete só uma mudança de nome, mas também da concepção do que significa "teoria" em uma pesquisa. Não se trata mais de teorizar sobre um objeto, mas de pensar a teoria como atividade social, posicionada diante do objeto, ligada às questões sociais de seu momento de origem e, também, à subjetividade da pesquisadora ou pesquisador, sujeitos constituídos, igualmente, pela teoria (MARTINO & MARQUES, 2018).

Nessa modalidade de pesquisa, a realidade é vista como uma espécie de texto a ser interpretado a partir de determinados pontos de vista, que vão destacar aspectos diferentes das relações sociais. O dado empírico é pensado em perspectiva histórica e social, sua materialidade como fruto de relações existentes em uma sociedade marcada por transformações abruptas e desigualdades.

Esse ponto de vista não deixa de criar algumas dificuldades. Uma delas é a operacionalização prática ou, dito de outra maneira, como transformar a teoria em metodologia — e alguns de seus riscos, indicados por Saur (2017, p. 41):

Esta situación produce habitualmente un uso ingenuo de la perspectiva, cuando se cree que con ella podremos solucionar todos los problemas o encontrar todas las respuestas; o un uso ritual o normativo de la teoría, como implementación formalista o academicista; o un uso teoricista, donde la realidad debe ajustarse a la teoría; entre otros.

Outro problema relacionado à "teoria", nesse sentido, é sua relação com objetos de estudos da área de Comunicação. Sem entrar na discussão sobre o que caracteriza esse objeto, seus contornos ou limites, seria possível questionar quais teorias, de fato, tomam os fenômenos comunicacionais ou midiáticos como objeto — ou se preocupam em defini-lo (SIGNATES, 2018).

O que uma teoria tem a dizer sobre Comunicação? Essa pergunta parece ser um desafio colocado no início de cada nova pesquisa, sobretudo no sentido de pensar quais as razões de uma determinada discussão teórica estar presente — em que medida um “capítulo teórico” sobre esta ou aquela teoria ajuda a compreender o objeto de estudos? De que maneira auxiliam a interpretar a realidade? Nem sempre essas perguntas são respondidas.

O resultado, às vezes, leva a uma situação paradoxal, na qual os capítulos teóricos, mesmo quando muito bem feitos, não dialogam com o objeto, isolado em um capítulo final ou em trechos de apresentação de dados empíricos — por sua vez, nem sempre enquadrados no referencial teórico, para sustentar ou relativizar suas proposições —, ou colocar técnicas de matriz empírico-funcional para dialogar com teorias que criticam esse tipo de preocupação. Para Braga (2011, p. 5), “sem esse cuidado, poderíamos estar apenas falando sobre o objeto no jargão teórico adotado ou usando características do objeto para ‘ilustrar a teoria’”.

Isso colocaria a “teoria” como dado pronto, apenas a ser exemplificado, o que leva ao próximo item.

A teoria como história do saber de um campo

Uma das marcas de uma área de conhecimento é o desenvolvimento de conceitos e teorias para explicar os fenômenos que estuda. À medida que a área se consolida, esse repertório ganha uma história e passa a auxiliar na elaboração de novas pesquisas.

A história do pensamento de um campo estuda a gênese de seus conceitos, isto é, a partir de quais problemas as teorias foram formuladas, o que analisam, como se relacionam com outras disciplinas e áreas do saber. Ao mesmo tempo, essas teorias passam a fazer parte da história da área de conhecimento onde estão situadas e se tornam um ponto de partida para os próximos estudos. Passam a ser as “teorias” da área, no sentido de uma “Teoria Literária”, “Teoria Antropológica” ou, no caso, “Teoria da Comunicação”.

Evidentemente, não há, necessariamente, um consenso em relação a quais teorias pertencem ou não a uma área; como construções históricas, também estão sujeitas à mudanças e transformações. Apesar disso, se não existe uma definição fechada a respeito do que as constitui, as teorias de uma área ajudam a delinear seus princípios e interesses e auxiliam quem procura se aproximar daquele modo de conhecer a realidade. Como indica Bachelard (2007), a epistemologia de uma área não pode deixar de lado sua história — não no sentido de uma cronologia das ideias, mas da relação entre concepções formuladas ao longo do tempo.

Peirano (2006), em um texto sobre as relações entre teoria e a orientação de pesquisas na Antropologia, recorda algo válido também para a área de Comunicação: a necessidade de pensar as várias teorias como alternativas para a construção do saber sua validade depende do quando podem ajudar a entender a realidade estudada:

O ensino pré-fabricado de supostas escolas ou tradições revelam o lado perverso das classificações elas transformam-se em simples compartimentos nos quais os autores são encaixados, quando não sequências cronológicas e lineares, empobrecidas e sem criatividade. (PEIRANO, 2006, p. 75).

Com isso, as áreas do conhecimento definem algumas de suas fronteiras epistemológicas: quais são suas teorias, abordagens, objetos de conhecimento e modos de olhar a realidade, levando em conta o conhecimento anterior da área, procurando basear sua análise a partir disso — para não “começar do zero” a cada pesquisa, como dizem Orozco e Gonzalez (2012), as teorias de uma área mostram os princípios e os conhecimentos desenvolvidos anteriormente, não como algo “pronto e acabado”, mas como um repertório dinâmico de ideias em ação. Para os autores (2012, p. 24):

En ese sentido, la teoría (o teorías) son relatos o discursos explicativos sobre el funcionamiento de algún aspecto de la realidad, y operan como ‘atajos cognitivos’ que, en lugar de ponernos al inicio de todo, proponen al investigador pistas y acotamientos en su recorrido (que resultarían reales o no, como ya se verá) sobre la naturaleza del fenómeno a estudiar y sus posibles ruta sed reconstrucción.

Isso leva a uma pergunta: em que medida as "Teorias da Comunicação", apresentadas nos livros com esse título e programas de ensino da disciplina, se tornam, de fato, a "parte teórica" das pesquisas da área? Até que ponto o pensamento teórico da área se mantém vivo, no sentido de provocar novas questões e ser renovado pela análise crítica e pelo tensionamento com a prática?

Uma visão inicial sugere a existência de algumas descontinuidades entre esses dois elementos. Um crítico apressado poderia concluir que muito do que se chama de "Teoria da Comunicação" não se transforma, de fato, no referencial teórico para as pesquisas em Comunicação. Essa impressão, às vezes, pode ser acentuada pela maneira como as Teorias da Comunicação são apresentadas: no lugar de explorar a vitalidade dessas ideias, são reduzidas a uma coleção de discussões passadas, o "museu da teoria", as quais se pode olhar, mas não tocar. Um olhar mais demorado pode ajudar a compreender a questão.

Os discursos teóricos, como todo discurso, estão ligados às condições sociais e materiais de produção de uma época; os objetos de estudo, os modos de olhar para a realidade, as formas políticas, econômicas e sociais de cada época estão ligados às teorias formuladas a seu respeito.

As teorias têm uma história ligada, mas que não se confunde, com a história de um campo. Peirano (2006), por exemplo, diferencia uma "História da Antropologia", enquanto campo do saber, e a "história teórica" da disciplina: não se trata da sucessão de ideias, mas dos confrontos e diferenças entre elas, na maneira de estudar os fenômenos. De acordo com Peirano (2006, p. 72):

A história teórica, que nos é importante aqui, resulta não de uma mera sequência de obras e autores, mas, principalmente, examina os problemas e questões que formam um repertório aberto que, continuamente renovado em novas perguntas ou formulações, produz um movimento espiralado e não-linear (...) o que consideramos nosso cânone não é por essa razão estático, já que se fundamenta no arejamento que pesquisas novas produzem em diálogo com ideias e autores que nos precederam.

Enquanto discursos inscritos na História, criadas em uma época específica, as teorias dialo-

gam com as questões de seu tempo, visíveis em cada pesquisa, estudando os objetos empíricos de sua época (por exemplo, o cinema e o rádio nos anos 1930, a televisão nos anos 1950–1980, as redes sociais a partir de 2010). Teorias estão inseridas na história de um campo e se ligam às suas questões gerais ("o que é comunicação?", "qual seu objeto de estudos?").

Para ser relevante, argumenta Zelizer (2015), uma teoria precisa fazer esse caminho entre o objeto de estudos, de um lado, e seu campo de origem, de outro. Como recordam Orozco e Gonzalez (2012, p. 26), em cada pesquisa, o alcance de uma teoria é colocado à prova em sua relação com a realidade — ao mesmo tempo em que se ocupa de assuntos específicos em cada pesquisa, ela reflete as questões gerais de seu campo. Nesse sentido, todo trabalho tem uma dimensão "teórica", ainda que não discuta isso diretamente — mesmo sem um "capítulo teórico", cada pesquisa coloca à prova seus pressupostos, os princípios de delimitação do tema, escolha do objeto e decisões sobre o método.

Situar uma teoria na História e, em particular, no desenvolvimento de sua área, ajuda a entender a partir de quais condições esse discurso foi produzido. Isso permite, diante de uma teoria, perguntar como ela ajudou a compreender os problemas de sua época e, de maneira mais profunda, o que tem a dizer sobre problemas atuais. Ainda que, na superfície, os objetos empíricos sejam diferentes (por exemplo, de uma teoria da comunicação de massa para as redes digitais), o alcance da teoria pode ir além disso, voltando-se para questões e problemas mais profundos — e isso permite colocá-la em diálogo com problemas da atualidade.

A desistoricização das teorias, isto é, retirá-las de seu contexto histórico e epistemológico, às vezes tem como resultado sua redução a um conjunto de ideias pré-fabricadas, estáticas, apresentadas como opções a "aplicar", mas não a problematizar. Na prática de pesquisa, isso pode ter várias consequências, das quais é possível destacar, inicialmente, três.

Em primeiro lugar, a fetichização da teoria: a

visão como algo pronto, acabado ou mesmo — nível mais complicado — “sagrado”. Esquecer que as teorias têm em um contexto, uma história e um desenvolvimento pode levar à impressão de que foram criadas como uma espécie de fórmula, apenas esperando para serem “aplicadas” às situações atuais. Com isso, perde-se de vista que são desenvolvidas em confronto com a realidade, tanto a de sua época quanto a da atual. A apresentação de uma teoria fora de seu contexto, como o saber pronto, a coloca em um patamar distante da realidade, às vezes a ponto de provocar uma reação de inibição diante de dados que não se encaixam com ela (algo expresso, em reuniões de orientação, em frases como “quem sou eu para contradizer esse autor?”), como se estivessem isentas do confronto com os fatos.

Segundo, a estereotipificação de conceitos, teorias e autores: a contextualização apressada ou estereotipada, voltada a classificar as ideias (“este autor é ‘funcionalista’”, “esta autora é ‘pós-estruturalista’”), reduzindo a riqueza e o potencial de seu pensamento. Certamente, a apresentação dos vínculos, proximidades, semelhanças e diferenças pode ser um ponto de partida importante, mas, na relação com a prática de pesquisa, é necessária uma maior problematização das próprias classificações.

Finalmente, a “superação” ou descarte de autores e teorias: fora de seu contexto, o potencial interpretativo de uma teoria pode não ser visto de maneira nítida, implicando a rápida impressão de que estaria “superada” ou “atrasada”, sobretudo tomando como argumento a época da formulação de suas ideias. Isso deixa de lado que rupturas e continuidades teóricas precisam ser problematizadas, no sentido de pensar sua relação com a realidade.

Na Teoria da Comunicação, o desenvolvimento da mídia coloca outros desafios e caminhos de pesquisa, mas dialogam com as questões que caracterizam a identidade da Área. Uma visão cumulativa e linear do desenvolvimento do pensamento sobre Comunicação pode não levar em consideração a relação dialética e contraditória do campo, no qual as teoria convivem em uma

dinâmica constante, voltadas para a interpretação de fenômenos diversos, enquanto, ao mesmo tempo, endereçam a eles o que consideram as questões básicas do campo.

Considerações finais

À semelhança de tantas palavras que são usadas a êsmo, a palavra *teoria* corre o risco de perder o significado. Por serem suas aplicações tão diversas - incluindo tudo, desde as menores hipóteses de trabalho, as amplas mas vagas e desordenadas especulações, até sistemas axiomáticos do pensamento — o uso da palavra obscurece frequentemente a compreensão, ao invés de suscitá-la. (MERTON, 1970 [1959], p. 51).

Escrevendo em 1959, Merton já mostrava, no campo das Ciências Sociais, as dificuldades em relação a “teoria” — não a definição propriamente dita, mas seu lugar na pesquisa e a atitude de pesquisadoras e pesquisadores em relação a ela. Algumas décadas depois, a situação parece não ter se transformado completamente.

Este texto nasceu da necessidade de compartilhar dúvidas e inquietações sobre o lugar da teoria no trabalho de pesquisa em Comunicação, a partir de situações práticas, tomadas como indícios, ou mesmo sintomas, de problemas epistemológicos mais amplos. O tema parece, ainda, ser motivo de dúvidas e, por que não, estranhamentos no momento da elaboração de estudos e investigações na área ou seus encaminhamentos, como propõe Renó (2014).

A definição parece estar relacionada, também, a um cruzamento de fatores epistemológicos, institucionais e pedagógicos, como o que se entende por “teoria” dentro das várias concepções de ciência, o peso dado à questão nos programas de Pós-Graduação e, em particular, nas atividades de orientação de pesquisa — como destacam Peirano (2006), Saur (2016) e Martino (2018) — e no ensino das Teorias da Comunicação.

Quando se fala em “Teoria da Comunicação”, duas questões são aproximadas: de um lado, “Teoria” está ligada aos estudos de Filosofia da Ciência; “Comunicação” se refere a um fenômeno, ou conjunto deles, observados e estudados em

uma área do conhecimento específica. Assim, lidar com Teoria da Comunicação é, também, perguntar pelos fundamentos do estudo de um grupo de fenômenos — e a definição de quais são eles é uma interpretação ligada às teorias e ao que “elas podem fazer” ou “podemos fazer com que façam” (BRAGA, 2019).

Pensar a teoria na pesquisa em Comunicação significa, também, tensionar e desafiar os processos de elaboração do conhecimento; um obstáculo epistemológico, na expressão de Bachelard, não é, necessariamente, um problema ou um impedimento ao desenvolvimento do saber, mas pode, ao contrário, contribuir para a busca de novos caminhos e concepções. No caso da Comunicação, repensar o lugar da teoria, tanto enquanto componente da área quanto no cotidiano de cada pesquisa, questionando seus usos, no sentido de integrá-la não só como “parte teórica” ou “referencial”, mas como modo de compreender as tramas de significados ligadas a qualquer tema de pesquisa.

Os três elementos identificados neste texto — a oposição com a prática, a dissociação em relação ao empírico e a descontextualização histórica — não são os únicos “obstáculos epistemológicos” para se pensar, mas parecem estar entre os mais comuns na prática de pesquisa. Talvez seja esse um ponto para estudar as rupturas da teoria com o senso comum, suas ligações com seu campo e, mais ainda, seu potencial para compreender e transformar a realidade.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Primeiros escritos filosóficos**. São Paulo: UNESP, 2018.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- BACHELARD, Gaston. **Estudos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- BAPTISTA, Maria Luiza C. Disciplinas teóricas: de entulho de currículo a campo de desejo e autopoiese. **Anais do 26º INTERCOM**. Universidade Federal de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2 a 6 de setembro de 2003.
- BARROS, José D'A. Uma teoria é um modo de ver. **Interfaces da educação**, v. 23, n. 10, p. 28-57, 2019. <https://doi.org/10.26514/inter.v10i29.3901>
- BRAGA, José L. A prática da pesquisa em Comunicação. **E-Compós**, v. 14, n. 1, p. 1-33, 2011. <https://doi.org/10.30962/ec.665>
- BRAGA, José Luiz. Ensino e pesquisa em comunicação. **Comunicação & Educação**, v. 12, n. 2, p. 21-27, 2007. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v12i2p21-27>
- BRAGA, José Luiz. A prática da teoria na pesquisa em Comunicação. **Galáxia**, n. 41, p. 48-61, 2019. <http://doi.org/10.1590/1982-25542019239896>
- BUTLER, Christopher. **Postmodernism**. Oxford: OUP, 2002.
- CHECHETTO, Fabiola B.; MARTINO, Luís Mauro S. Qual conceito de ciência fundamenta as Teorias da Comunicação? Um estudo exploratório do “cânone”. **Verso e Reverso**, v. 33, n. 1, p. 2-17, 2019. <https://doi.org/10.4013/ver.2019.3382.01>
- CULLER, Jonathan. **Literary theory**. Oxford: OUP, 2000.
- EAGLETON, Terry. **The significance of theory**. Londres: Blackwell, 1989.
- EAGLETON, Terry. **After Theory**. Londres: Palgrave, 2007.
- FABIANI, Jean-Luis. Faire son choix théoriques en Sciences Sociales. In: HUNSMANN, Moritz; KAPP, Sébastien. (Orgs.). **Devenir chercheur: écrire une thèse en sciences sociales**. Paris: EHESS, 2013, p. 47-61.
- FAUSTO NETO, Tiago Q. A centralidade da teoria na constituição de uma episteme comunicacional. **Anais do 32º INTERCOM**. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 4 a 7 de setembro de 2009.
- FERRARA, Lucrécia D'A. A ciência do olhar atento. **Trans/Form/Ação**, v. 9, n. 10, p. 1-7, 1987. <https://doi.org/10.1590/S0101-31731987000100001>
- FERREIRA, Nelson T. A construção da pesquisa científica em comunicação. **Revista de Ciências Humanas**, v. 12, n. 1, p. 27-37, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3448>
- GATTI, Bernardette. Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos na pesquisa em educação. **Eccos**, v. 1, n. 1, p. 63-79, 1999. <https://doi.org/10.5585/eccos.v1i1.155>
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GOBRY, I. **Le vocabulaire Grec de la Philosophie**. Paris: Elipses, 2010.
- HANITZSCH, Thomas. Writing for Communication Theory. **Communication Theory** 23, n. 1, p. 1-9, 2013. <https://doi.org/10.1111/comt.12004>
- HICKSON, Mark; STACKS, Don W. Teaching the introductory communication theory course to undergraduates. **Communication Quarterly**, v. 41, n. 3, p. 261-268, 1993. <https://doi.org/10.1080/01463379309369887>
- JENSEN, Klaus B. Practical theories: concepts, conceptions and conceptualizations of communication. **Empedocles**, v. 7, n. 2, p. 143-156, 2016. https://doi.org/10.1386/ejpc.7.2.143_1

LIEDKE, Élide R. Breves indicações para o ensino de sociologia hoje. **Sociologias**, v. 9, n. 17, p. 266-278, 2007. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222007000100011>

LIMA, Venício. Repensando as Teorias da Comunicação. In: MELO, José. M. (Org.). **Teoria e Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Intercom/Cortez, 1983, p. 85-99.

LIMA, Venício. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

LOPES, Maria I. V. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MAGNAVACCA, Silvia. **Lexico Técnico de Filosofia Medieval**. Buenos Aires: Miño y Davila, 2005.

MARTINO, Luís M. S. Da teoria à Metodologia: um ensaio sobre a elaboração de projetos de pesquisa em Comunicação. **Comunicação Midiática**, v. 11, p. 1-15, 2016. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/88>

MARTINO, Luís M. S. **Métodos de Pesquisa em Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTINO, Luís M. S. O diálogo norte-sul em Teoria da Comunicação: hegemonias, apropriações e resistências nas pesquisas anglo-saxônicas e latino-americanas. **Comunicação & Sociedade**, v. 36, p. 85-106, 2014. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v36n1p107-132>

MARTINO, Luís M. S.; MARQUES, Angela C. S. A afetividade do conhecimento na epistemologia. **Matrizes**, v. 12, p. 217-234, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i2p217-234>

MARTINO, Luiz C. **Epistemologia da Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

MARTINO, Luiz C. Significação da teoria em um campo diversificado. **Anais do 33º INTERCOM**. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro de 2010.

MARTINO, Luiz C. **Teorias da comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê, 2007.

MARX, Karl. **O capital**. Livro 3, Vol. 6. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MERTON, Robert. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

OLIVEIRA, Marcio. O ensino de teoria sociológica em cursos de ciências sociais em universidades brasileiras. **Política e Sociedade**, v. 14, n. 31, p. 87-113, 2015. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2015v14n31p87>

OLSEN, Stein H. The moment of theory. **Critical Quarterly**, v. 49, n. 4, p.90-120, 2007. <http://doi.org/10.1111/j.1467-8705.2007.00802.x>

OROZCO, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. **Una coar-tada metodológica**. México: Tintable, 2012.

PEIRANO, Mariza. **A teoria vivida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

PETERS, F. R. **Léxico filosófico Grego**. Lisboa: Edições 70, 1983.

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2016.

PORTA, Eva. Objeto de estudio, objeto empírico. In: ROSA MARTINEZ, Fabiana; SAUR, Daniel. **La cocina de la investigación**. Córdoba: Eduvim, 2017.

REIMÃO, Sandra. Teoria ou Teorias da Comunicação. **Intercom**, v. 17, n. 2, p. 146-170, 1994. <http://doi.org/10.1590/rbcc.v17i2.860>

RENÓ, Denis. Pesquisa aplicada em comunicação: uma tendência necessária. **Comunicação & Sociedade**, v. 36, n. 1, p. 7-30, 2014. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v36n1p7-30>

ROSENGREN, Karl E. **Communication**. Londres: Sage, 2000.

RUSSI-DUARTE, Pedro. Por que ensinar teorias (da comunicação)? **Anais do 33º INTERCOM**. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro de 2010.

SAUR, Daniel. Territorio, posicionamiento, responsabilidad y formas de relacionamiento con la teoría. In: ROSA MARTINEZ, Fabiana; SAUR, Daniel. **La cocina de la investigación**. Córdoba: Eduvim, 2017.

SIGNATES, Luiz. A comunicação como ciência básica tardia. **E-Compós**, v. 21, n. 2, p. 1-15, 2018. <https://doi.org/10.30962/ec.1387>

THOMAS, Sari. A Brief Consideration of Theoretical Significance in Media Study. **Critical Studies in Media Communication**, v. 23, n. 2, p. 173-180, 2006. <https://doi.org/10.1080/07393180600714570>

TORRICO VILLANUEVA, Erik R. **Comunicacion de las matrices a los enfoques**. Quito: Ciespal, 2010.

VALDETTARO, Sandra. **Epistemologia de la comunicación**. Rosário: Ed. Universidad de Rosario, 2015.

WOTTRICH, Laura; FONSECA, Paula C. A definição do problema e dos objetos de pesquisa. **Anais do 42º INTERCOM**. Universidade Federal do Pará, Belém, 2 a 7 de setembro de 2019.

ZELIZER, Barbie. Making communication theory matter. **Communication Theory**, v. 25, n.1, p. 410-415, 2015. <https://doi.org/10.1111/comm.12075>

Luís Mauro Sá Martino

Graduado em Comunicação — Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (FCL — 1998), em São Paulo, SP, Brasil, com mestrado (2001) e doutorado (2004) em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), em São Paulo, SP, Brasil. Foi pesquisador-bolsista na School of Political, Social and International Studies na University of East Anglia, na Inglaterra (2008). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FCL, em São Paulo, SP, Brasil, onde também leciona na graduação em Jornalismo e é um dos editores da Revista Libero. Autor, entre outros, dos livros Teoria da Comunicação (2009), Teoria das Mídias Digitais (2014) e Métodos de Pesquisa em Comunicação (2018).

Endereço para correspondência

Luís Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Libero
Av. Paulista, 900
Cerqueira César – 01310-940
São Paulo, SP, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Zeppelini
Publishers e submetidos para validação do(s)
autor(es) antes da publicação.*